

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

**ENTREVISTA COM EVERTON RODRIGUES DE MELO:
DIÁLOGO SOBRE RAP E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Nola Patrícia Gamalho
Boletim Gaúcho de Geografia, 35: 217-222, maio, 2009.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37409/24152>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2009

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ENTREVISTA COM EVERTON RODRIGUES DE MELO: Diálogo sobre rap e o ensino de geografia

Nola Patrícia Gamalho¹

Entrevista com Everton Rodrigues de Mello, em janeiro de 2009, em Porto Alegre. Sua visita à cidade teve o intuito de conhecer algumas periferias do Estado, onde visitou o bairro Restinga e a região metropolitana de Porto Alegre. O Everton canta, ensina e vive a periferia de São Paulo. Cursou o ensino fundamental e médio em escolas públicas. Entrou na faculdade Cruzeiro do Sul em 2003, cursando a mesma com bolsa. Desde 2005, atua na rede estadual de ensino, no município de São Paulo, no bairro São Miguel Paulista, extremo leste. Utiliza o rap como um instrumento no ensino de geografia, em um processo em que o professor é também autor, construindo o conhecimento a partir de uma linguagem que instigue o pensamento e que promova o diálogo e a participação dos alunos.

Nola: Como foi a tua trajetória?

Everton: Eu cresci ouvindo rap desde os 10 anos de idade, em 1994, quando ouvi pela primeira vez a música "fim de semana no parque" dos Racionais MC's, porém só depois de oito anos, mais ou menos, pude entender a sua mensagem, ou seja, pude ver que ela denunciava as disparidades socioeconômicas entre dois lugares localizados numa mesma região: a zona Sul de São Paulo, mostrando as diferenças e a desigualdade gritante entre ambos, como pode ser visto no trecho: " Daqui eu vejo uma caranga do ano... toda equipada com um tiozinho guiando, com seus filhos ao lado estão indo ao Parque, eufóricos brinquedos eletrônicos... automaticamente eu imagino, a mulecada lá da área como é que está... provavelmente correndo pra lá e pra cá, jogando bola descalços nas ruas de terra... é brincam do jeito que dá. Falando palavrão é o jeito deles, eles não têm video game, às vezes nem televisão"... porém apesar de não saber direito onde ficava a zona Sul a que a música se referia eu me identificava com a segunda descrição, pois ela também fazia parte da minha realidade no extremo da zona leste de São Paulo.

N: E como tu chegaste na Geografia e na Educação?

E: Na faculdade, comecei a estudar mais o conteúdo das letras e entender as relações entre geografia e sua descrição nas letras de rap, principalmente, através de seus conceitos. Como, por exemplo: " Essa porra é

¹ Mestranda em geografia pelo programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

um campo minado, quantas vezes já pensei em me jogar daqui... mas aí, minha área é tudo que tenho, minha vida é aqui eu não preciso sair... é muito fácil fugir, mas eu não vou... não vou trair quem eu fui e quem eu sou"...(conceito de LUGAR, mostrando que a identidade não está ligada só ao gostar do seu local de origem, mas, também, ao reconhecer as coisas ruins, que também fazem parte da realidade do seu cotidiano), depois ele continua: "...eu gosto de onde tô e de onde eu vim... ensinamento da favela foi muito bom pra mim... cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão que eu sempre respeitei, qualquer jurisdição"...Onde os lugares ganham fronteiras, criadas pelas pessoas que os construíram, mostrando relações de coexistência entre diferentes territórios e diferentes territorialidades.

Foi aí que começou minha trajetória nesse trabalho acadêmico, "o rap e o ensino de Geografia".

N: Qual a relação da música com a geografia?

E: A música tem relação direta com a vida, pois é a arte que manifesta os seres vivos... e a geografia é algo vivo que pode ser manifestado através da mesma numa relação homem - meio, sendo que o rap é doutor em fazer esse tipo de realção.

N: Como assim?

E: Porque ele é falado e muito complexo, ou seja, tem que ter início meio e fim.

Não existe o conteúdo da geografia, mas a geografia dos conteúdos, presentes nos rap, nos sambas, nos rocks, etc. Primeiro porque são construções realizadas por pessoas diferentes que refletem diferentes lugares e identidades culturais, e, muitas vezes, através do dialeto, do jeito de falar, dos vocábulos, é possível identificar a qual cultura e região ela pertence.

N: O rap tem uma linguagem particular, como trabalhar isso em geografia e educação?

E: Depende de quem faz o rap. O rap é um instrumento mediador e democrático que dá voz a quem tem ou acha que tem informação para passar. Eu posso falar de coisas banais ou fazer um discurso mais politizado e complexo.

N: E nas tuas práticas em sala de aula, como funciona isso?

E: Eu primeiro faço uma seleção, procurando conciliar o conteúdo que eu preciso passar com um rap adequado e quando eu não o encontro, tento fazê-lo (construtivismo) .Ou seja, em primeiro lugar vem sempre a geografia, o rap está dentro dela.

Geralmente o utilizo como finalizador de conteúdos, ou seja, trabalho normalmente, explico a matéria e os conceitos e depois canto um rap, mostrando que para que eu pudesse escrevê-lo, antes, eu tive que adquirir conhecimento . Quando falo de conceito de lugar, por exemplo, começo perguntando sobre a frase: Você sai da favela, mas ela não sai de dentro de você (LETRA DO RACIONAIS). E aí os alunos começam a dizer o que eles entenderam, depois desenvolvemos e chegamos à conclusão de que o jeito de falar, de andar, de se vestir denunciam o lugar, ou seja, um favelado não precisa dizer que é da favela, pois ele cheira, fala e representa a favela. Depois tentamos construir uma poesia que mostre esse processo.

N: Cita um exemplo

E: "Eu vou chegar chegando com o conceito de lugar... Citando Milton Santos, Geografia Crítica; Ana Fani e o lugar no/do mundo se liga ... conhecimento profundo... Lugar... é feito pelas pessoas, através de suas ações, hábitos, culturas... Eu saio do meu lugar, mas ele não sai de mim/ pois está enraizado em minha alma, reflexo da minha caminhada, do meu passado histórico de construções, ancestralidades de culturas e de tradições, refletidas no meu cotidiano, passadas de pai pra filho durante anos, através de muitas brincadeiras: pega-pega; pique-esconde; roba bandeira; tempo de pipa de bolinha de pião”...

N: É uma poesia ou um rap?

E: Um trecho de um rap, ou uma poesia ritmada. Ritmo e poesia = Rap

N: E como é a participação dos alunos? Conta um pouco das experiências mesmo.

E: Em primeiro lugar, o rap faz parte do lugar no qual meus alunos estão inseridos como protagonistas do mesmo, ou seja, faz parte da identidade cultural deles e muitas letras de rap que levo pra dentro da sala de aula eles conhecem, mas na maioria das vezes não compreendem sua mensagem. O objetivo é esse: entender o processo e não decorar as letras, se isso ocorrer deve ser consequência e não prioridade. Ou seja, a ideia é filosofar sobre as letras, fragmentando-as, mapeando-as, etc.

Quando fiz a contextualização da Branca de Neve e dos anões, não estava esperando que os alunos decorassem a letra, pois alguns deles apesar de morarem na periferia não gostam de rap. O objetivo era que eles se vissem e se reconhecessem como vítimas da exclusão social, morando distantes dos centros. Além de passarem a observar mais as relações que produziram o espaço e suas realções.

N: A letra da Branca de Neve e dos Anões foi construção tua. Como foi esse trabalho? Como é a internalização da problemática proposta e como o aluno interage?

E: Sim. Os alunos, em sua grande maioria, se identificam porque é algo diferente que gera curiosidade. Além de dar sinal verde para que eles desenvolvam suas criatividade.

A floresta "encantada" se transformou na Mata Atlântica, que foi desmatada e transformada na "floresta de concreto e aço"; e os anões são os povos excluídos (índios, negros, brancos pobres e mestiços). Além de mostrar a relação tempo-espço, as mudanças que ocorreram ao longo desse período nos meios de produção com novas tecnologias que alteraram as relações homem meio. Por exemplo, os anões que iam trabalhar a pé, hoje dependeriam de condução (cara, precária, superlotada, etc) e a branca, loira, morena, negra e ruiva de neve hoje teria que trabalhar fora. E pra finalizar, a identidade cultural dos anões seria expressada através da música: o zangado, como eu, cantaria rap, o soneca voltaria dormindo, o feliz um funk ,etc

Mostrando a diversidade entre os próprios anões; anões em importância.

N:E assim tu vais desenvolvendo a geografia?

E: Sim, as geografias. Eles levam pra casa e aprendem com os pais... que aquela paisagem nem sempre foi daquele jeito, antigamente era um matagal, um cemitério; que o rio poluído era limpo, etc.

N: A aula extravasa o espaço da escola?

E: Com certeza, porque a geografia é viva e está em todos os lugares, basta treinarmos os olhares dos nossos alunos para que quando saírem da escola, pegarem um ônibus, etc, lembrem dos anões (soneca, doente , feliz, zangado, etc) e prestem mais atenção na paisagem que os rodeia, ou seja, ensiná-los a lerem geograficamente. Muitas vezes rompendo preconceitos embutidos como o preconceito contra migrantes sem saberem que são filhos de migrantes. E as crianças são veículos de comunicação de suas casas. Eu fiquei famoso porque eles me divulgaram pra comunidade.

N: E tem um público alvo que tu possas usar o rap enquanto instrumento?

E: Geralmente o público que mora na periferia onde o rap tem uma territorialidade muito grande, independente de faixa etária, desde as crianças até os senhores, pois muitas vezes não é necessário que se cante o rap. Muitas vezes recito a letra ou passo um clipe com imagens muito interessantes para

depois pedir uma análise com base nas nossas aulas sobre um determinado assunto da geografia

Em alguns clips, não é nem a letra que nos interessa, mas sim as paisagens, que muitas vezes mostram um contraste socioeconômico muito grande, como, por exemplo: a favela e os prédios de alto padrão lado a lado (Um bom Lugar - Sabotagem), as transformações da paisagem ao longo do tempo e os diferentes lugares (Vida loka paarte II - Racionais MCs).

Tive uma experiência ao trabalhar com o EJA (educação de jovens e adultos) muito interessante, pois trabalhei Capitalismo e Globalização através da música "Negro Drama", obtendo excelentes resultados:

“Ei...ei... Senhor de Engenho eu sei bem quem você é... sozinho cê não aguenta. Você disse que era bom e a favela ouviu, tem *whisk*, *Red Bull*, tênis *Nike* e fuzil... admito seu carro é bonito e eu não sei fazer... internet; vídeo cassete; uns carro louco. Atrasado eu tô um pouco sim... tô eu acho, só que tem que... seu jogo é sujo e eu não me encaixo”...

Onde o autor faz uma crítica ao sistema capitalista, mostrando que a reprodução e concentração de capital obtida por ele foi conseguida através da exploração da mão de obra do seu povo (escravidão e mais-valia) no passado e no presente, pois os impostos arrecadados nas periferias das grandes cidades, neste caso São Paulo, ao invés de serem investidos nelas são destinados para viabilizar as grandes construções (túneis, viadutos, espaços culturais e de lazer) nos centros. Além de mostrar que, sem a mão-de-obra, o consumo e os impostos do seu povo, os Senhores de Engenho (donos dos bens de produção) não conseguem viabilizar seus interesses, por isso jogam sujo através de programas de televisão fúteis e desligados da realidade que alienam e cultivam a ignorância, "jogo sujo”...

Agora eu vou...

Como na estória da “Branca de Neve e os sete anões”,
Também viveram aqui com várias civilizações,
Que moravam na mata Atlântica,
Sendo arrancados, tratados sem importância,
Índios, negros, mestiços,
Cujos descendentes permanecem vivos...
Numa “floresta” de concreto e aço,
Sendo, todos os dias, bombardeados...
Pela falsa alegria das drogas... da mídia,
Destruidores de vidas e das famílias das periferias...
E hoje em dia, voltam do centro à periferia,
Cantando rap, que é o que liga...

Segunda-feira, São Paulo, Capital,
Final de expediente, correria geral,
Voltamos para casa num ônibus lotado,
Caindo aos pedaços, sucateado,
Que cobra um preço absurdo:
-Dois e trinta!, é o fim do mundo.
Todos exprimidos; trânsito infernal,
Devido a um acidente na Radial.
Bem em frente ao shopping Tatuapé,
Onde eu só vou pra dar um rolê.
Depois de duas horas o ônibus chegou
Na avenida: Imperador, opa, demorou!,

É no final dela que descemos,
São Miguel Paulista, onde crescemos.
-“Chegamos!”, alguém gritou...
Descemos todos cantando, então, agora eu vou: “Agora eu vou!...”,
- “Pra casa!”,
- “Pra casa agora eu vou”.
- ferrou, ferrou o ônibus quebrou...
- ferrou, ferrou, ferrou é greve de metrô...
- ferrou, ferrou... ferrou a passagem aumentou,
- ferrou, ferrou... ferrou o trânsito fechou...